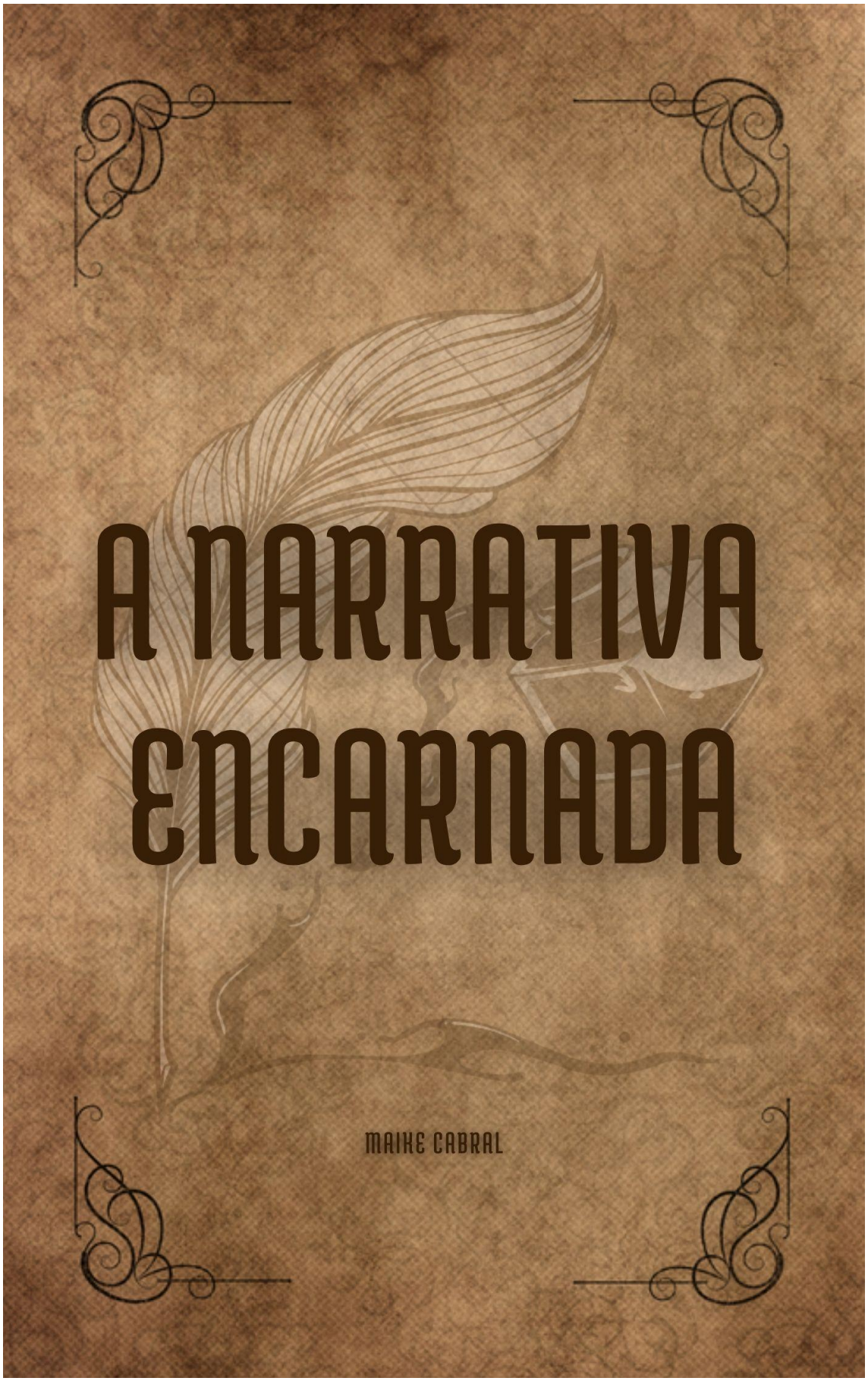
A NARRATIVA ENCARNADA
MAIKE CABRAL

*Et verbum caro factum est*

*2023*

# A NARRATIVA ENCARNADA

Afinal, do que se trata a *Filosofia da História*? Se podemos falar de uma "verdadeira" ou "falsa" reflexão acerca deste objeto obscuro e etéreo chamado *História*, já não podemos se admitirmos não possuir os critérios claros e distintos sobre o "quê" desta velha senhora. Essa, de fato, é uma discussão efusiva que beira às raias da irrazão. Pensadores, filósofos, antropólogos - amigos ou vilões da honestidade - acirraram suficientes ânimos e desânimos ao longo dos séculos para estabelecer um tom absoluto ante a falaz presença deste espírito tão zombeteiro e penetrante. Quem é esta senhora? Qual sua tez? Difícil determinar. Portanto, devemos delinear, pelo menos, um limite para a palavra que tantas cócegas levantou nos mais temíveis homens de glossas.

Costumo tratar a senhora *História* tendo como base sua raiz existencial: a consciência. Lá ela vive, mora, é tecida e recortada nas visões mais astrais e tácitas sobre o mundo, a vida e o homem – seu repositório nuclear. Como uma espécie de cristal forjado, em referência ao sonho anímico onde se debruça o homem no contato quem têm com a matriz de realidade que o abrange e esgota, reside a *História*, antes, *mestra da vida*, agora, fresta da discórdia. E qual seria a razão dessa *matriz*? Indagação imprópria, diriam alguns. Digo isso por conta da limitação de ciência que possibilita a própria experiência dentro de uma descomunal totalidade. Sempre raspamos uma parte, embora estejamos atingidos pelo todo, e essa condição de *espremidos* pelo tempo e a eternidade é que nos incita a perguntas tão acima de nossa compreensão. No local mesmo onde o contato entre estes dois titãs se manifesta – a consciência – é possível um lapso luminoso de arguto sentido, uma imagem diminuta da vastidão irremediável, um conto reluzente de esperança e caos: a *História*, dama e carrasca das mais hodiernas almas.

Não é demais lembrar a ferramenta cabal pelo qual a consciência produz algo como a *História*: a linguagem humana. Este é o artificio próprio pelo qual o acontecer pode ser encapsulado e assimilado de forma mais abstrata e significativa, um tipo de alimento responsável por um alívio mediante o mistério e limitação da vida ininterrupta de todos os dias. A alma não descansa até forjar uma ninfa fabulosa em seu reduto íntimo... Ninguém é capaz de se lançar nos dias e nas noites sem que esteja imbuído de exemplificar o próprio cenário circunstancial pela *palavra*. Nesse quesito, o homem arcaico é figura una. Embora sua história não seja considerada tão "genuína" quanto a dos

capitães das naus modernas - pelo fato de supostamente não registrar o passado; não prospectar o futuro; e encarar o presente como foco da mais tenra epopéia - ele, ainda sim, traçava uma espécie regular de discurso sobre sua história interligada às origens: o mito. E essa era sua escrita da história, sua narrativa sintética do mistério da impermanência na permanência. É este tipo de homem histórico – *arkhé*, ou, "o que vem no começo" - que devemos compreender para apurarmos o atual homem historiográfico.

O sujeito arcaico nada via na realidade que não fosse um sinal de divindade. Mesmo que atropelasse as camadas, os sentidos, as teias de aranha da cronologia, este *sujeito do acontecer* sempre esteve em rota de colisão com o inexpugnável através de suas narrativas mitológicas. Ele já era um homem histórico muito antes de a ciência histórica o descobrir como seu antípoda. Isto não faz dele um *moderno*, muito menos um *antiquado*, mas algo dele dimensionou nossos horizontes que, hoje, interpõem ao passado algo resoluto da própria época. O fato é que a *História* pode ser considerada tanto para o "*homo arcaicus"* quanto para o "*homo historiográficus"* um símbolo, sempre forjado a partir da pressão exercida pelo entrave entre contingência e necessidade que os atingem ferozmente, eles e suas míseras estruturas narrativas. Deus, a consciência sem igual, tem esse símbolo absolutamente e sem passagem; o homem, consciência por igual, o tem aproximadamente no choque e na confusão. Isto nos faz crer que o sentido final da *História* sempre esteve presente aos homens de todos os tempos, embora apenas compreensível enquanto conteúdo mítico e religioso.

Mas afinal, onde reside um objeto tão tênue e ao mesmo tempo tão importante como a *História* quando tomada sob o ponto de vista de seu sentido humano? A resposta estava em vias de ser dada pelos doutores de seu templo: os filósofos da história. Cada um deles, como um desorientado atirador de elite que nunca sabe que seu alvo pode ser a própria culatra, tenta persuadir os discípulos de que a *História* tem, sim, um sentido, uma ordenação, mesmo sendo ele incapaz de a demonstrar pelas simples armas da razão - embora tente arduamente rabiscar seu sentido último em imensos e engenhosos tratados. Nessa hora, em vista da impossibilidade material de seus esforços, sua razão se torna, em alguns casos, instrumento de oblação sádica e masoquista, passando a extrapolar os limites impostos por sua natureza na vã atividade de salmodiar o que antes estava dado aos crentes e místicos de plantão: o dom do profetismo. Pois o que agora rege seus esforços, após tal transgressão, não é mais a humildade na fé própria sugerida pela verdade, mas sim, a insurgência fria dos sentimentos mais vorazes dos ardentes

adoradores neopagãos. Por isso, até agora, os pobres filósofos da história nada fizeram senão lutar contra a única explicação plausível para seus pesadelos: a teologia. E desfazer qualquer sentido a troco de fábulas e alusões insólitas...

Por essa razão suspeito um pouco da atividade filosófica quando esta procura um objeto tão crepuscular como o sentido da *História*. Não porque a filosofia seja incerta ou vaga, petulante ou incapaz de captá-la, mas, sobretudo, porque a própria *História* exige um certo grau de inexatidão que a filosofia não suporta - e a poética regozija! Por isso os poetas podem exprimí-la com maior adequação, e, somente eles, conceber uma verdadeira *Historiosofia*, ou seja: uma *narrativa encarnada* baseada na compreensão do testemunho pessoal. Mas o que isso quer dizer?

A *História* universal é uma poesia viva, divina, repleta de graça e tragédia. Desde o primeiro luminar incandescente de "ser" criado por Deus, até a consumação e transfiguração final de todo o universo, um drama se desenrola; um teatro participado e não assistido se desempenha; um mistério aberto e não hermético se arrola como sinfonia quieta de formas e matérias abismais sem fundo em si. Ela é alegria do devir dentro de um plano permanente de misericórdia, onde podemos apreender num ato de *visão poética* sua impossibilidade de expressão, que ainda sim, é expressiva. O conhecimento pelo testemunho vivo das direções passadas e futuras é matéria de presença plena, de *historiosofia*, de compreensão testemunhal em nossas tenras e claudicantes vidas. Julgar a partir do saber é o princípio do conceito de *História* que busca esse *compreender* a medida do *testemunho fidedigno* de sua atuação direta. Por esta razão, o sujeito de uma empreitada tão paradoxal precisa ter a inclinação de um fausto poeta, como o próprio Deus criador. Essa é a condição sem a qual o discurso sobre a *História* universal estará fadado ao fracasso de uma caricatura estranha à realidade.

A filosofia é uma dama séria e pedagoga demais para suportar a dança sedutora da *História*. Prova disso são as discrepâncias ensandecidas dos filósofos modernos que travaram tato com ela - e se perderam entre suas saias de cetim. O amor à sabedoria merece algo menos insólito do que a velha *Mnemosine*, bastiã de todas as agruras e glórias de um reino em confusão febril. Tal argumento apresenta uma espécie de isenção culposa, sabemos, mas é o único rebento de sobriedade frente os disparates da historiografia e do pensamento filosófico contemporâneo (se é que podemos adorná-lo com esse grau de excelência). A isenção passa pela falta de juízo absoluto acerca do sentido final de todo o desenrolar temporal dos acontecimentos. Esta é a pedra de tropeço e o início de uma

sabedoria *historiosófica*, onde decorre a necessidade de uma visão não exclusivamente teorética, e sim (utilizando uma *ironia Karl marxiana*), *praxiológica*.

A única forma legítima de significação aproximada do sentido final da *História* é a vida pessoal tomada em sua praticidade. O modelo pelo qual alçam-se todos os parâmetros fecundos acerca de uma meta a ser atingida, particular ou universal, passam pelo crivo da experiência de ordem individual. Sem a história vivida particularmente não há vida universalmente histórica. Aliás, este é o erro fundamental dos filósofos da história: antecipar uma razão histórica genérica antes de rastrear os meandros de sua razão particularmente efetiva - a historicidade prática e pessoal. Uma encruzilhada em que o poeta, de fato, não se aleija, o fazendo protótipo perfeito para o exercício da *historiosofia* - tal é o argumento para ilustrar bem o intuito deste ensaio que busca tornar evidente a necessidade da poética para o são discurso histórico, pela *falta de compromisso dos poetas para com a verdade* em contraste com a obediência servil dos filósofos a ela.

Um filósofo não existe se não admitir que há algo nele, e em torno dele, o submetendo a ponto de determinar seus atos intelectuais e, principalmente, seu discurso acerca deles - *a* verdade. Já o poeta, só existe se não admitir que há algo nele, e em torno dele, que não é capaz de sujeitar sua determinação em agir como se falasse - *sua* verdade. Isto marca um limite fundamental entre a atividade filosófica e poética para os fins históricos: uma é escrava, a outra é senhora. Essa distinção não incide na proeminência - no mesmo plano - de uma atividade sobre a outra, mas na necessidade de se atribuir o primado da expressão poética ao que tange à narrativa histórica. Em termos dela, a atividade poética adquire uma profundidade e elasticidade que não são permitidas à filosofia, pois ela é mais grave - diriam alguns, com razão. É por essas e outras que o *historiósofo* deve emergir da casta dos poetas, justamente por não reterem o processo de compreensão histórica em supostas afirmações apodícticas que não podem ser apreensíveis, quando muito, sondáveis. Claro, sem se desfazer da indispensável companhia e sobretudo amizade para com o pensamento filosófico, sendo dele um intérprete ocasional e lisonjeiro.

O universo da especulação histórica exige uma tal humildade em relação à fé e à verdade - muito mais do que os demais objetos estudados pela filosofia - que a simples menção de uma definição acerca de seu objetivo e ordem nos pode afundar no lodaçal profundo da fantasia, ou nas aparências prolegômenas do progresso indiscriminado. Esta é a razão da isenção culposa que nos subtrai da ânsia por descobrir a verdade da *História*.

Acontece que, mesmo estando em posição completamente hostil em vista das possibilidades múltiplas da filosofia, a *História*, ainda assim, não pode existir sem uma grade de afirmações sensatas e verazes dadas exclusivamente por ela. A *História* também é determinada por realidades de cunho universal, porém, ela é ainda mais dependente de uma ação radicada na estrutura limitada da experiência subjetiva, ou seja, da pessoa envolvida no processo. Isso é um osso que o filósofo pode até roer, mas sem sorver seu conteúdo; enquanto o poeta, que canta glórias à alegria da ignorância, faz desse osso um pífaro! Pois há nessa panóplia uma verdade que a perspicácia filosófica jamais será capaz de acessar apenas com a razão, pois ela não se manifesta sem o recurso da infusão direta: a *voz do autor*, a *autoridade do drama*, o *mentor da participação* humana no esplendor inominável - mas narrativo! - da *História*: o Verbo Divino e encarnado, inspirador e inspiração de todos os pequenos corações.

Esse é o traço marcante da ideia aqui exposta, que nasce da vivacidade de um discurso, de uma palavra, de um *profere* que aglutina toda a carne do mundo em seu coração absoluto. Eis porque o poeta pode ser considerado o homem que vaga pelo vale da sombra da morte só podendo refugiar-se na sombra desta figueira bastante específica (a inspiração), enquanto o filósofo, também andarilho, se move sem repouso, atingido ferozmente pelas pragas do sol (a razão) justamente por uma qualidade própria do objeto de sua busca: a inexorabilidade. Pois na verdade o poeta imita o ato deste Verbo que reduz engrandecendo todas as coisas e engrandece reduzindo todo o discurso à onipotência do possível, como numa entrega atual a seu destino incerto; mas ao filósofo, coube a tarefa mais árdua: almejar o entendimento desse processo, encarnando-o sem perceber.

Creio que até aqui traçamos uma imagem inabitual sobre o tipo de visão a que o conhecimento histórico deve ser submetido para ser minimamente sadio. Um conhecimento meramente artístico e não científico, um potencial sem atualidade no tempo, mesmo que fadado à imposição real de certas verdades inalcançáveis pela razão. Uma delas é o *caráter finalístico* de sua presença. A razão não nos diz, exatamente, que a *História* tem um fim. Ela no máximo nos aponta uma… razoabilidade. E é com base nesse dado desejável, mas não apreensível, que a voz eterna nos condiciona a seu conteúdo. Mas como? Pela nossa experiência de ordem pessoal. É uma certeza de razão e não de possibilidade razoável o caráter finalístico de nossa existência temporal tomada particularmente. Sem essa certeza jamais teríamos poética! quanto mais filosofia. Todas as nossas ações estão ordenadas por essa tirania do fim pessoal, do angustiante

desencontro com a vida. Sim, não há homem sem a consciência plena de sua mortalidade e da vanidade de suas tentativas em se abstrair do ocaso. Eis o fundo de verdade da *História* que só a dimensão pessoal pode ascender: a transcendência em relação ao tempo através da *narrativa encarnada*. Afinal, o que queremos dizer com essa expressão a não ser algo muito além do imaginável e do cognoscível? Chamamos *narrativa encarnada* o *fruto reconhecível da vida pessoal*, algo sempre presente de forma incompleta – *gestatio* - mas que só se completa quando aquilo que o depósito da fé revelada denomina *ressurreição* for consumado. Isto é algo que somente a infusão ativa do eterno pode nos tornar aptos a crer, mesmo sem entender, pois não é algo dedutivo ou lógico, mas antes, indutivo e soteriológico.

Quando aludimos aqui à categoria "poeta" não estamos qualificando os sujeitos conforme uma suposta e especial disposição ou talento, mas a uma predileção ao artístico. Nem mesmo estamos criando uma rixa entre estes e seus irmãos de coração, os filósofos. Alargamos o termo a uma definição bem especial para fins específicos: designar o desejo de alguns homens não de explicar a realidade histórica conforme um discurso, mas de discorrer nela como forma de explicação. Esses são os poetas aqui tomados, e todos somos obrigados a sê-lo em algum grau sob pena de danação, pois a poesia está para a verdade como a filosofia está para sua ausência - o que faz dos poetas e filósofos compatriotas numa espécie de sentimento de pertença à uma nação de loucos! Os loucos que pela sanidade evadem da mixórdia cotidiana e se elevam até os mistérios insondáveis da existência humana, mesmo sabendo de sua inenarrável natureza. No fundo no fundo, todo homem é em alguma medida poeta e filósofo, mesmo no desprezo total à suas categorias. A equação variável entre um talento e outro é o que imagino determinar o nível da atuação *historiósofica*.

O que pode fazer de todo sujeito um sujeito histórico temente é a renúncia por encontrar o sentido final da *História* e a inclinação no dar ênfase ao sentido presente de seu acontecer. Vivê-la, sem mais nem menos, também não irá condicioná-lo a um sentido pleno, porém, deformá-lo em termos de *narrativa encarnada*. Temos que saber lidar com este paradoxo do *nonsense* e do *seriousness*. Não é uma questão de escolha, e sim, de justeza. O que estamos fazendo o tempo todo é testemunhar o acontecer atribuindo-lhe forma a cada sucessão e ritmo recortado por abstração (o símbolo formal sintético). Esse é nosso modo de compreensão da *História*: *ver* atualmente e *rever* virtualmente em modo discursivo e simbólico. Só que, de todos os testemunhos e formas criadas, um só é o

*testemunho inesgotável* - que não irá terminar em outra sequência delimitada – e uma só a *forma inviolável* – que irá persistir delimitada, mas sem sequência. Todos os testemunhos fractais e todas as formas parciais existem a partir e em vista desses dois fenômenos, e nada mais. E isto é a *História* real em curso: a escrita pessoal da *narrativa encarnada*. Estamos vivenciando algo que já é eternamente o mesmo agora, mesmo que em mudança contínua. Um enredo real que deverá ser entregue ao editor final como uma peça, uma sinfonia, um romance escrito em carne e letra para sua apreciação. E qual será o critério utilizado por Ele para julgar tal obra? A Sua própria *narrativa encarnada*.

Portanto, nada queiramos além desta similaridade encarnacional última ao flutuar sobre o mistério incomensurável da *História*. Como os poetas que vivem o conhecimento e os filósofos que conhecem o viver, sejamos *historiósofos*, compreendendo na carne o testemunho de nosso espírito como conhecimento prévio de nossa própria eternidade.

...